Dia 11 — São Leão, Papa, Chamado o Magno

São Leão, maior ainda por sua eminente santidade e por todas as suas heroicas virtudes que pelas grandes coisas que fez em benefício da Igreja, as quais lhe mereceram com justiça o epíteto de Magno, nasceu ao mundo perto do fim do século quarto, sendo imperador o grande Teodósio. Foi romano de nascimento, filho de Quinciano, originário da Toscana, e assim, por sua muita delicadeza como por sua cortesã educação e urbanísimo caráter, crê-se que sua família era de alguma distinção. Criou-se no seminário do clero romano, onde era costume naquele tempo criar-se a juventude que se destinava ao estado eclesiástico, formando-a na virtude não menos que nas ciências. Desde logo se distinguiu Leão pela solidez e pela viveza de seu engenho e pela pureza de seus costumes; de maneira que em pouco tempo foi exemplo e até admiração de todo o clero. Conhece-se bem pelas obras de sua mão que chegaram até nós o muito que adiantou nas belas-letras; mas sobretudo no estudo dos cânones e costumes da Igreja. Como o destinava Deus, diz um concílio geral, para triunfar do erro e para sujeitar à fé a tantos inimigos seus, preveniu-o a tempo, adornando-o com as armas da ciência e da verdade.

Sendo ainda acólito, foi escolhido para levar aos bispos da África as letras apostólicas do papa Zósimo, em que condenava os heresiarcas Pelágio e Celéstio; e com esta ocasião tratou Santo Agostinho e contraiu estreita amizade com ele. De volta desta viagem foi feito diácono da Igreja romana; e o papa São Celestino, conhecendo a sublime elevação de seu engenho, sua eloquência, sua virtude e sua grande capacidade, fê-lo seu secretário. Este emprego dilatou bem depressa sua fama até as províncias mais remotas da Igreja. A ele, como a primeiro ministro da Santa Sé, acudiu São Cirilo, patriarca de Alexandria, para informar o papa dos ambiciosos passos de Juvenal, patriarca de Jerusalém; podendo-se dizer que sobre os ombros do diácono Leão descansava todo o peso dos negócios mais importantes da Igreja universal.

Por ocasião da heresia do ímpio Nestório, teve nosso santo de mostrar seu ardente zelo pela pessoa adorável de Jesus Cristo e pela honra de sua santíssima Mãe. Obra sua foi a principal parte do muito que trabalhou o papa Celestino neste grande negócio; suas foram as cartas que escreveu o papa a São Cirilo e aos padres do concílio geral de Éfeso; e ele foi quem moveu Cassiano, seu amigo particular, a escrever da encarnação do Verbo contra a impiedade de Nestório.

Havendo sucedido a São Celestino o papa Sisto III [^1], no ano de 432, achou-se São Leão em estado de prestar mais importantes serviços à Igreja, pela inteira confiança que mereceu ao novo pontífice, cuja inocência vindicou valorosa e ardentemente em presença do imperador Valentiniano III, ao mesmo tempo que com sua vigilância, sagacidade e penetração descobria os malignos artifícios de Juliano, bispo de Eclano, principal apoio e protetor dos pelagianos. Sucedeu por este tempo aquela fatal divisão entre Aécio e Albino, generais do exército romano nas Gálias, que

ameaçava lastimosa ruína ao império e à Igreja com a inundação dos bárbaros, se São Leão, enviado pelo papa Sisto, não a tivesse impedido. Ganhou de tal maneira com sua prudência o coração daqueles dois generais que, terminadas amigavelmente suas diferenças, pô-los concordes nos interesses da religião e do Estado e persuadiu-os a que empregassem todas as suas forças contra os inimigos da Igreja e do império.

Enquanto se empregava Leão nesta importante legacia, morreu em Roma o papa Sisto, deixando exposta a Igreja a terríveis embaraços, pelo furor dos hereges que se multiplicavam cada dia, pela crueldade dos bárbaros que iam penetrando em todas as províncias do império e pela relaxação de seus mesmos filhos, cujos costumes eram pouco correspondentes à religião que professavam. Não se achava outro que fosse capaz de remediar tantos males senão nosso Leão; e assim, ainda que estava ausente, foi eleito papa com unânime consentimento e com aplauso universal, no dia 28 de julho do ano 440. Em vão resistiu, gemeu, suplicou, dilatou sua volta a Roma: viu-se, enfim, obrigado a obedecer. Nenhum imperador entrou jamais na capital do mundo com tantas aclamações. Foi consagrado no domingo 8 de setembro, seis semanas depois de sua eleição; e no sermão que pregou neste mesmo dia ao povo romano acreditou que até então não havia concedido o Senhor à Sé apostólica um sucessor mais digno de São Pedro.

Instruído perfeitamente do estado da Igreja, empregou toda a sua aplicação no remédio de suas necessidades. Pareceu-lhe que devia dar princípio pela reformação do clero romano, cujo exemplo devia servir de modelo a todo o clero da cristandade. Não contente com excitá-lo à virtude com seus exemplos, exortava-o continuamente com suas palavras, passando-se poucos dias sem que pregasse ao povo; e, correspondendo o fruto a seu apostólico zelo, em breve tempo viu-se mudado o semblante da cidade de Roma. Mas, considerando-se pai comum de todos os fiéis, fazia nas demais partes o mesmo fruto com suas cartas que em Roma com seus sermões; e não havia ângulo em toda a cristandade aonde não chegassem os efeitos de sua solicitude pastoral.

Desde os primeiros anos de seu glorioso pontificado ressuscitou em todas as partes a disciplina eclesiástica; deu regras aos fiéis muito próprias para todo gênero de estados e condições e fez florescer a piedade cristã com muito brilhante esplendor em todo o mundo.

Nunca teve a Igreja tantos inimigos juntos a combater e nunca logrou tão gloriosas vitórias de todos eles, por causa da vigilância, da magnanimidade e do zelo prudente, ativo e ilustrado do santíssimo pontífice. Os maniqueus, fugindo da dominação dos vândalos na África, haviam vindo à Itália para inficioná-la com seus erros e com suas dissoluções; ao terceiro ano de seu pontificado exterminou Leão esta infame seita, desterrando-a não somente da Itália, mas de todo o mundo cristão.

Penetrando bem todo o pestilencial veneno do pelagianismo, aplicou-se com o maior ardor a libertar a Igreja de Deus desta peçonha; e mandou vir a Roma São Próspero de Aquitânia, para que, estando perto de sua pessoa, o ajudasse melhor a combater contra estes hereges, a quem os prósperos sucessos haviam feito insolentes e o número fazia formidáveis. Escreveu epístolas, compôs livros, celebrou concílios, fez-lhes uma mortal guerra; e enfim teve o consolo de ver triunfar a verdade católica daquele pernicioso erro. Foi condenado e privado de sua sé episcopal, como herege, o obstinado Juliano, cabeça daquele partido, e morreu desgraçadamente num país

estrangeiro. Os presbíteros de Marselha, ou os semipelagianos, encontraram sempre no pontífice Leão um invencível defensor da doutrina da Igreja; e, ainda que era tão amigo de Cassiano como o era muito mais da verdade, fez que São Próspero escrevesse contra uma de suas conferências, que era a décima terceira; ele mesmo escreveu aos presbíteros da Provença e não poupou diligência alguma para abolir no mundo até o nome dos pelagianos.

Renovando-se na Espanha a heresia dos priscilianistas, apenas chegou o aviso ao grande Leão, refutou com a maior força seus principais erros nas cartas que dirigiu aos prelados espanhóis sobre este assunto. Ordenou aos metropolitanos que convocassem concílios provinciais para exterminar este monstro; e logrou vê-lo aniquilado quase ao mesmo tempo que aparecido.

Como o Senhor o havia escolhido para que fizesse triunfar a fé em todo o universo, permitiu que em seu tempo se levantassem contra a Igreja os maiores e mais perigosos inimigos. Eutiques, abade de um mosteiro de Constantinopla, aproveitando-se do público horror com que se olhava a impiedade blasfema de Nestório, precipitou-se no extremo contrário, confundindo em Cristo as duas naturezas. Procurou sufocar este monstro no mesmo berço São Flaviano, patriarca de Constantinopla, condenando num concílio esta detestável heresia juntamente com seu autor. Mas Eutiques não se sujeitou a sua sentença; antes bem, astuto e solapado como todos os heresiarcas, antecipou-se a escrever a São Leão, dizendo-lhe que o nestorianismo levantava a cabeça e que ele havia querido combater o erro, mas que havia sido condenado por um conciliábulo de nestorianos, de cuja sentença apelava à da Santa Sé. Era, sem dúvida, cauteloso o artifício; mas o pontífice era muito sagaz e prudente para deixar-se facilmente preocupar. Despachou logo seus legados e escreveu a Flaviano aquela admirável epístola sobre a encarnação do Verbo, que depois serviu de regra aos padres do concílio de Calcedônia para explicar este divino mistério; e não perdoou a meio algum para conseguir que triunfasse a verdade.

Informado das perniciosas opiniões de Eutiques, da pureza da fé de São Flaviano e de tudo o que havia passado no conciliábulo que se chama o latrocínio de Éfeso, não se podem explicar os desvelos, os cuidados, os meios que aplicou o solícito pontífice para extinguir este incêndio. Convocou um concílio em Roma; escreveu aos imperadores Teodósio e Valentiniano, às imperatrizes Placídia e Eudóxia, para interessá-los na causa da religião; e, morto já o imperador Teodósio, aproveitou-se da piedade da imperatriz Pulquéria e do imperador Marciano para que se juntasse o célebre concílio geral calcedonense, no qual o mesmo santo papa presidiu por meio de seus legados. A verdade triunfou ali do erro, Eutiques foi condenado, e o concílio se concluiu com solenes graças e públicas aclamações ao muito grande e santíssimo pontífice Leão.

Enquanto a fé triunfava no Oriente pelo infatigável zelo do vigilantíssimo pontífice, gemia no Ocidente a Igreja pela irrupção impetuosa dos bárbaros. Átila, rei dos hunos, havia penetrado pela Panônia nas províncias do império com um exército formidável, arrasando as campinas, queimando as igrejas e entrando a sangue e fogo em todas as povoações. Aquileia, Pavia, Milão haviam experimentado já a barbárie deste conquistador, que se fazia chamar o açoite de Deus; e toda a Itália era presa infeliz deste tirano que, não encontrando quem fizesse resistência ao arrebatado torvelinho de suas armas, passado o Pó, ia conquistar todo o império romano, apoderando-se de sua quase desarmada capital. Em tão lastimosa consternação acudiu Roma a seu amantíssimo Pastor e, cheia de confiança no grande poder que sua eminente santidade lhe dava junto ao

Senhor, pediu-lhe, rogou-lhe, conjurou-o com os gritos, com os prantos, com os alaridos de todo o povo, que ele só saísse a servir de dique à torrente impetuosa dos bárbaros.

Movido Leão das lágrimas e clamores de seu povo, pondo toda a sua confiança naquele Senhor que tem em suas mãos os corações dos reis, encarregou-se de tão dificultosa como arriscada comissão. Achava-se Átila à frente de seu exército sobre as ribeiras do Míncio, nas cercanias de Mântua. Pôs-se Leão em sua presença e falou-lhe com tanta valentia, com tanta majestade e ao mesmo tempo com tão dulcíssima eloquência que aquele bárbaro rei, açoite de Deus e terror de todo o gênero humano, esquecido de sua fereza, humilhou-se diante do servo de Deus; e, ajustada a paz, retrocedeu por onde havia vindo, voltando a passar o Danúbio. Reconheceu todo o universo esta maravilha, e Leão tributou ao Deus dos exércitos toda a glória. Aproveitando-se das boas disposições em que achou seu povo, de volta a Roma, fez que se rendessem ao Senhor solenes graças com públicas procissões, desterrou todos os espetáculos profanos, reformou os costumes em todos os estados, renovou a piedade, ressuscitou a devoção do povo com a Rainha dos santos e com as relíquias dos mártires, a cuja intercessão atribuía a liberdade milagrosa da afligida cidade.

Apenas começava a respirar o santo papa de tão tristes sobressaltos quando teve notícia das novas inquietações que causava na Igreja o orgulho de Anatólio, patriarca de Constantinopla, que não havia cessado de revolver tudo desde o concílio calcedonense, para manter os pretendidos privilégios de sua sé e dominar sobre toda a Igreja do Oriente. Como São Leão se havia oposto a esta usurpação de primazia, Anatólio não perdoava meio para indispô-lo com o imperador; e, prevendo nosso santo as funestas consequências destes maus ofícios, enviou Juliano, bispo de Cós, para que residisse perto da pessoa do imperador na qualidade de apocrisiário ou núncio seu: costume que observou depois a Sé apostólica nas cortes dos maiores príncipes. Escreveu o papa ao imperador e à imperatriz, os quais fizeram fortes e repetidas instâncias em favor de Anatólio; mas o santo se manteve sempre inflexível, e o imperador rendeu-se logo à eficácia de suas razões.

Sempre infatigável, sempre atento e sempre vigilante às necessidades da Igreja, escreveu aos monges da Palestina sobre os artigos de fé decididos nos quatro concílios ecumênicos; dispôs uma regra ou ciclo pascal que dispensou os latinos de recorrer aos gregos e aos orientais para a celebração da Páscoa; reformou a disciplina eclesiástica na maior parte das igrejas do Ocidente; escreveu a Doro, bispo de Benevento, a Teodoro, bispo de Fréjus, e outra terceira epístola a todos os bispos da Campânia e das duas províncias; e, como todas estas epístolas estão cheias de instruções práticas tocante à disciplina eclesiástica e à administração dos sacramentos, chamaram-se *Decretais*.

Querendo a imperatriz Eudóxia vingar a morte do imperador Valentiniano, seu marido, e fazer que o tirano Máximo se arrependesse de suas crueldades e violências, no ano de 455 chamou à Itália Genserico, rei dos vândalos, o qual entrou em Roma sem resistência e por espaço de catorze dias permitiu o saque da cidade às tropas. A rogos e lágrimas do santo pontífice Leão mandou o bárbaro rei que não se queimasse a cidade, que se perdoasse ao sangue dos cidadãos e que fossem privilegiadas do saque as igrejas principais. No meio disso foi lamentável a desolação. Procurou o santo pastor que seu rebanho se aproveitasse dela; fez reconhecer aos romanos que a causa de tantos males procedia de sua ingratidão para com Deus, do pouco apreço que haviam

feito de seus conselhos, de sua profanidade, da licenciosa desordem de seus costumes e de sua obstinada impenitência.

Levou consigo Genserico um número prodigioso de cativos; e, como se havia apoderado das riquezas de Roma, privou-os ao mesmo tempo dos meios que podiam ter para seu resgate. Consolou-os o santo pontífice com suas cartas e procurou socorrê-los também com suas esmolas, fortificando-os tão firmemente na fé que, de cativos ao parecer desgraçados, converteu-os em ditosíssimos e zelosos missionários da religião, à qual reduziram tão grande número de bárbaros que São Leão se viu obrigado a enviar pastores para governar aquele rebanho que havia adquirido Jesus Cristo por seu ministério.

Sua vigilância e seu zelo faziam-no infatigável nos trabalhos. Mal se pode compreender como podia um homem só fazer tantas maravilhas. Alimentava continuamente o povo com o pão da divina palavra; tirava a máscara ao erro e confundia-o com sua doutrina; era a alma de todos os concílios; provia às necessidades de todas as igrejas do mundo; detinha com sua só presença os exércitos dos bárbaros; desarmava com sua eloquência a ferocidade dos mais ferozes conquistadores; restituía com sua tenacidade a disciplina eclesiástica a seu antigo vigor; fazia florescer com sua vigilância a piedade cristã até nos mais remotos ângulos de toda a cristandade.

Foi ele o primeiro pontífice que deixou à Igreja um corpo de obras seguido. Cento e noventa e seis sermões sobre as principais festas do ano e cento e quarenta e uma cartas, que explicam com precisão, com eloquência e com maravilhosa clareza a maior parte dos mistérios da religião, dão a conhecer o caráter deste grande papa. Mas, com aquela magnanimidade de ânimo, com aquela vasta compreensão de espírito, com aquela universalidade de conhecimentos, talvez não tenha havido no mundo homem mais humilde. Basta ler os sermões que fazia todos os anos no dia aniversário de sua consagração para julgar se é possível unir maior santidade e maior mérito com humildade mais profunda.

Depois do saque dos vândalos renovou toda a prata em todas as igrejas de Roma; reparou as basílicas de São Pedro e de São Paulo; estabeleceu capelães nos sepulcros dos santos apóstolos; enriqueceu as igrejas antigas e ergueu outras novas. Enfim, depois de vinte e um anos de pontificado, aquele papa verdadeiramente grande, açoite dos hereges, pai dos pobres, luz do mundo cristão, admiração de todo o universo e ornamento da Sé apostólica, consumido dos trabalhos e das penitências e cumulado de merecimentos e de glória, foi receber no céu, do Pai das misericórdias, o prêmio que estava preparado a sua eminentíssima virtude. Morreu em Roma no dia 11 de abril do ano, ao que se crê, de 461, aos sessenta de sua idade, pouco mais ou menos, deixando a Igreja do Senhor em um estado muito florescente.

Choraram-no todas as igrejas do mundo; mas chorou-o muito particularmente Roma, que não somente o venerava como a seu pastor, mas também como a seu libertador e como a seu pai. Foi depositado e enterrado seu corpo com solene pompa na basílica de São Pedro, e seu culto começou a celebrar-se desde o século sexto na Igreja universal, assim latina como grega.

Martirológio Romano

Em Roma, São Leão, papa e confessor, a quem seu raro mérito e excelentes virtudes fizeram dar o sobrenome de Grande. Em seu tempo celebrou-se o santo concílio de Calcedônia, no qual condenou Eutiques por meio de seus legados e confirmou com sua autoridade os decretos do mesmo concílio. Depois de haver estabelecido vários regulamentos e composto sábios tratados, havendo trabalhado como bom pastor pelo bem da santa Igreja e do rebanho de Jesus Cristo, descansou em paz.

Em Pérgamo, na Ásia, Santo Antipas, aquela testemunha fiel de quem fala São João no Apocalipse: encerrado num touro de bronze feito brasa, consumou seu martírio no tempo do imperador Domiciano.

Em Salona, na Dalmácia, São Domnião, bispo, martirizado com oito soldados.

Em Gortina, na ilha de Candia, São Filipe, bispo, muito célebre por sua santidade e doutrina, que governou tão bem sua Igreja no tempo dos imperadores Marco Antonino Vero e Cômodo que a preservou do furor dos gentios e das ciladas dos hereges.

Em Nicomédia, Santo Eustórgio, presbítero.

Em Espoleto, Santo Isaque, monge e confessor, de cujas virtudes faz menção o papa São Gregório.

Em Gaza, na Palestina, Santo Barsanúfio, anacoreta, no tempo do imperador Justiniano.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Leonis confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que ouçais benignamente as súplicas que vos dirigimos na festividade do bem-aventurado Leão, vosso confessor e pontífice, e que nos perdoeis nossos pecados pelos merecimentos daquele que mereceu servir-vos dignamente. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Por volta do ano da criação do mundo 3730, mais de 300 anos antes do nascimento de Cristo, Ptolomeu Lago, rei do Egito, arrasou toda a Judeia e levou cativos mais de cem mil judeus, entre os quais foi um Jesus, filho de Sirac, homem de extraordinária capacidade e de não menos exemplar virtude. Ocupava-se unicamente no estudo e na leitura dos livros sagrados; e assim lançou mão dele o Senhor para compor o livro que chamamos o Eclesiástico, ou o livro que prega e instrui.»

Reflexões

Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus. Este é aquele grande sacerdote que agradou a Deus enquanto viveu e foi achado justo. Só se agrada a Deus servindo-o

e caminhando diante de seus divinos olhos pelas direitas sendas da santidade e da justiça. Neste agradar a Deus consiste a verdadeira grandeza, o mérito mais real, a mais sólida felicidade: *Hoc est enim omnis homo*, como se explica o Espírito Santo, isto é ser homem. Agradar aos grandes do mundo não deixa de ser honra; mas não poucas vezes mais é fortuna que mérito. O gênio, a simpatia e talvez a lisonja podem contribuir para inspirar inclinação; nem sempre é a virtude o primeiro móvel da benevolência. Quando o agrado entra pelo humor, o favor depende do capricho. Por isso costuma ser já como destino dos favoritos que não conservem o favor até o fim. Mas, como para agradar a Deus não há outro caminho que o da virtude e o da religião, a amizade de Deus é prova infalível e medida segura do verdadeiro mérito. Agradar a Deus é possuir tudo o que faz um homem verdadeiramente respeitável; agradar a Deus é estar em sua graça, é lograr cada um quanto lhe é mister para não necessitar do favor dos homens. A amizade de Deus vale por tudo. Que podem contra um homem amado e protegido de Deus todas as desgraças, todos os contratempos, todos os reveses da vida! Que pode contra ele toda a malignidade dos homens? Tudo isto serve para aumentar seu fervor e para que cresça seu mérito na estima de Deus. Que objeto mais digno de nossa ambição, e que ambição mais fácil de contentar-se e de satisfazer-se! Em vão se sua, se afana, se trabalha, se gasta a saúde, se sacrificam os bens e talvez até a mesma vida a serviço dos grandes; não costuma bastar isto para merecer seus agrados. Tenha-se a vontade mais sincera, a mais fina, a mais ardente de servi-los; nem sempre basta para que nos dispensem sua graça. Mas a respeito de Deus, no mesmo ponto em que tenho verdadeiro desejo de servi-lo, sirvo-o; a mesma vontade de agradar-lhe é comprazê-lo. Mas, sendo tão estimável, sendo tão vantajoso, sendo tão fácil aspirar a conseguir este favor do Altíssimo, fazem grandes esforços os homens para alcançá-lo? Dá-se-lhes muito de perdê-lo? Com que facilidade se sacrifica a amizade de Deus ao deleite, ao interesse, à paixão! Vendo-se a facilidade com que se peca e a grandíssima serenidade com que se vive depois de haver pecado, quem não dirá que em perder a amizade de Deus nada se vai perder? Mas quem se esmera muito em agradar-lhe? Faça-se indução por todos os estados do mundo: ocupam-se muito nos desejos, nas ânsias, nas solicitudes de agradar a Deus até os que vivem nos estados mais santos? Separando a um lado aquele curto número de almas fervorosas e sedentas de justiça, aquelas pessoas de uma virtude eminente que são tão raras, quão prodigiosa multidão resta de cristãos tíbios, frouxos e indiferentes para com Deus! Que multidão de libertinos, de homens sem religião no meio do seio da Igreja! Esses ricos comerciantes, esses homens de corte, essas gentes de negócios, essas mulheres do mundo, essas pessoas tão pouco cristãs, a quem a ambição, o interesse, o amor aos deleites e todas as demais paixões vão dominando por turno e sucessivamente, menos quando todas juntas as dominam, ocupam-se muito no desejo, na ânsia de agradar a Deus, dando-se-lhes tão pouco ou nada o desagradar-lhe?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,13-19

> **Latim:** [13] Venit autem Jesus in partes Cæsareæ Philippi : et interrogabat discipulos suos, dicens : Quem dicunt homines esse Filium hominis ? [14] At illi dixerunt : Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis. [15] Dicit illis Jesus : Vos autem, quem me esse dicitis ? [16] Respondens Simon Petrus dixit : Tu es Christus, Filius Dei vivi. [17] Respondens autem Jesus, dixit ei : Beatus es Simon Bar Jona : quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est. [18] Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam. [19] Et tibi dabo claves regni cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis : et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis.

Português: [13] E veio Jesus para as partes de Cesaréia de Filippe : e fez a seus discípulos esta pergunta, dizendo : Quem dizem os homens, que he o Filho do homem ? [14] E elles responderão : Huns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas. [15] Disse-lhes Jesus : E vós quem dizeis que sou eu ? [16] Respondendo Simão Pedro disse : Tu és o Christo, Filho de Deos vivo. [17] E respondendo Jesus, lhe disse : Bemaventurado és Simão filho de João : porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos ceos. [18] Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra elle. [19] E eu te darei as chaves do reino dos ceos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos ceos : e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos ceos.

Meditação

Da submissão à Igreja

Primeiro ponto

Considera que, assim como fora da Igreja não há salvação, assim tampouco há verdadeira fé sem a submissão a ela. Sendo a Igreja a única depositária das verdades da religião e do espírito de Jesus Cristo, o que não a escuta deve ser tido por publicano e de certa maneira como idólatra. Seus preceitos são leis, suas regras são decretos, suas decisões são oráculos. Resistir a obedecê-la é amotinar-se contra Deus. Não se dá passo fora de seu aprisco que não seja um risco e um precipício; e aquele leão rugente que anda ao redor dele buscando a quem devorar, em vendo uma ovelha fora do redil, ao ponto a despedaça.

Esta Igreja, tão divina em sua origem, tão sobrenatural em seus dogmas, tão santa em suas máximas, tão respeitável em todas as suas leis, não é outra que a Igreja católica, apostólica, romana; fundada por Jesus Cristo, estendida em todo o universo pelos apóstolos; cimentada, por

assim dizer, com o sangue de mais de dezoito milhões de mártires, ilustrada com as brilhantes virtudes de tantos santos; à qual só deixou Cristo seu espírito, a única que não teme o inferno e na qual só se acham os verdadeiros fiéis. Que dita, que benefício é haver nascido em seu seio, haver sido criado com seu leite, poder caminhar seguramente em favor de sua indefectível luz! Mas que desdita não dar ouvidos a suas vozes, não ser dóceis a sua vontade e, deixando seus caminhos, abrir-se novas sendas e caminhar por elas às cegas e sem guia!

Voltemos os olhos a essa confusa multidão de seitas, nas quais não há mais que um fantasma de Igreja, uma máscara de religião, uma lei orgulhosa, extravagante, quimérica e de capricho; todas são obra da indocilidade do espírito humano e da falta de sujeição à Igreja. Ninguém se fez jamais surdo a suas vozes que ao ponto não se fizesse também cego. Não se faz mudo; mas parece que só sabe falar para fazer notório a todos quanto se descaminhou.

Oh, que digno de compaixão é o homem abandonado a sua própria razão e a seu orgulho! Pode o infeliz ser entregue em mãos de mais perigoso inimigo e de pior guia? Admiramo-nos de que haja sistemas tão monstruosos e tão extravagantes em ponto de religião; mas ainda mais deveríamos admirar-nos se o entendimento humano, destituído das luzes da fé, caísse em menos erros. Uma vez abandonado a si mesmo, como pode dar passo que não seja um precipício? Obscurecidas suas luzes com tantas trevas como levantam as paixões, como podem guiá-lo bem pelo caminho direito? Só a submissão, a sujeição à Igreja pode pôr-nos a coberto de tantos e tão conhecidos perigos. Sem esta cega submissão tudo é erro, tudo descaminho, tudo desordem. E tenho tido eu até agora esta submissão perfeita a suas decisões, esta cega obediência a seus mandatos? Bom Deus, quanto terei talvez de que arrepender-me neste ponto!

Segundo ponto

Considera que, estando fundado o motivo de nossa submissão à Igreja no Espírito Santo que a anima e em sua infalibilidade, esta submissão deve ser universal e humilde. O resistir a obedecê-la sempre é orgulho. Conformar-se com umas decisões e opor-se a outras é erigir um tribunal superior ao seu, é fazer-se juiz das sentenças e dos decretos do mesmo Deus. A autoridade da Igreja não é arbitrária; não está fundada nem no consentimento dos povos nem na política; não teve parte em sua instituição a prudência dos homens: Deus é o que fala, Deus é o que tudo arranja pelo órgão de sua Igreja. Com que submissão se deve obedecer a tudo o que manda Deus! Uma submissão parcial é desprezar formalmente sua divina autoridade. O amor-próprio, de concerto com o entendimento humano, é o que escolhe da multidão das leis da Igreja aquelas que são mais de seu gosto e que mais lhe acomodam. Nossa eleição é propriamente a que então lhes dá toda a autoridade que queremos concedê-lhes. Porque, se considerássemos que todas as decisões da Igreja provêm de um mesmo espírito, que cada uma delas é extensão de nossa fé, que todas estribam num mesmo fundamento, que todas nascem de um mesmo princípio que é a sabedoria, a infalibilidade e a autoridade do mesmo Deus, teríamos atrevimento para sujeitar-nos a elas com restrição e com limitações?

E, se é necessário sujeitar-se universalmente e com respeito às decisões dogmáticas e doutrinais da Igreja, será porventura menos necessário render-se às canônicas e morais que falam com os

costumes? Se aquelas devem fazer escravo, como se explica o Apóstolo, o entendimento humano em obséquio da obediência a Jesus Cristo, terão estas menos força para fazer que o coração se sujeite ao que manda o Evangelho? Todo aquele que com altaneria se levanta contra a sabedoria de Deus é réprobo. Sê-lo-á porventura menos o que se rebela contra sua santidade e contra sua divina Providência? Grande é o número dos hereges de entendimento; será menor o dos que obram como tais? São menos inimigos os uns que os outros da cruz de Jesus Cristo e de sua Igreja?

Que submissão tem sido até agora a minha às decisões desta mãe comum dos fiéis? Sujeitei meu entendimento a todas as suas resoluções e rendi meu coração a todas as suas máximas? Muitas reflexões posso fazer aqui sobre minha indocilidade e sobre minha presunção, e talvez encontrarei muitos motivos para a dor e para o arrependimento. Dignai-vos, Senhor, aumentar minha fé aumentando minha rendida sujeição a vossa santa Igreja; e, pois o que devo crer é regra do que devo obrar, fazei que meus costumes sejam daqui em diante a prova mais evidente de minha fé.

Jaculatórias

> *Domine, adauge nobis fidem.* Lc 17 [^2].

Senhor, aumentai-nos a fé.

> *Dabis, Domine, servo tuo cor docile.* 1 Rs 3 [^2].

Um coração dócil, Deus meu, um coração dócil.

Propósitos

1. O espírito de erro nunca pôde sujeitar-se à Igreja. Jesus Cristo é a verdade, a vida e o caminho. O caráter da heresia é enganar, descaminhar e perder. Não quer o herege sujeitar-se ao espírito de Deus, porque só quer seguir seu próprio espírito; a este só consulta, e daqui nascem sua rebelião, sua obstinação e seus descaminhos. A ovelha que se aparta do rebanho logo se perde e tarda pouco em ser despedaçada. Apenas saiu o filho pródigo da casa de seu pai, achou-se em país desconhecido, onde dissipou tudo o que levava. Não só é a heresia escola do erro, mas o é também de todos os vícios. Gritem ou falem de reforma os hereges quanto quiserem; cubram-se com a pele de ovelhas; peçam emprestado à hipocrisia o traje, os modos e a exterioridade da penitência: o disfarce e a comédia só podem enganar os estúpidos. Em matéria de religião, sempre que se descaminha o espírito, é em favor da carne. Percorre todas as seitas; nenhuma acharás que não tenha ensinado mil extravagâncias, nenhuma que não arraste, como por uma necessária

consequência, às últimas desordens. De toda seita é como fruto natural o desarranjo, a dissolução e a mais brutal lascívia. Que muito que uns homens cegos tropecem e deem de focinhos! Mas, se estes tropeços servissem ao menos para que abrissem os olhos! Mas, quando o entendimento e o coração vão a uma, inutilmente se declama contra o erro. Todos os votos do coração são para manter o orgulho do entendimento em todos os seus direitos; e toda a viveza do entendimento se emprega em defender as tortas inclinações do coração: este é o verdadeiro princípio da indocilidade, da preocupação, da obstinação, da artificiosa conjuração dos sectários. Sejam daqui em diante provas visíveis de teu catolicismo tua docilidade e submissão a todas as decisões da Igreja. Foge cuidadosamente daquelas conversações menos religiosas, ou por melhor dizer, escandalosas e sempre sumamente prejudiciais, nas quais parece que se quer erigir um tribunal particular para examinar as decisões da Igreja. Seja tua fé simples, humilde, respeitosa, universal e, por assim dizer, cega quanto às bacharelices do entendimento humano. Sem estas qualidades não será mais que um fantasma de fé.

2. Afora estas virtudes gerais, observa as advertências seguintes. Primeira: logo que tenhas notícia de que algum livro está legitimamente proibido e condenado, quer seja por errado na doutrina, quer por pernicioso aos costumes, olha-o com horror. Não só não o hás de ter em teu poder, mas hás de zelar com a maior vigilância que teus filhos, teus criados e dependentes não o leiam, porque serás réu de sua desobediência: o menor descuido em ponto tão importante mancha a pureza da fé e lastima a delicadeza da religião. Segunda: jamais permitas que se dispute, argua nem defenda em tua presença coisa que esteja condenada, ainda que seja por diversão, ainda que seja com o especioso pretexto de querer instruir-se bem na doutrina verdadeira. Esta espécie de conversações e disputas sobre matérias tão perigosas são umas como dissertações críticas e malignas que, quando menos, produzem dúvidas e perplexidades e não poucas vezes fomentam o espírito de maquinação e de rebelião, encaminhando-se de ordinário a tornar desprezíveis as decisões da Igreja. Terceira: impõe-te uma inviolável lei de não ler jamais livro algum suspeito, seja quanto aos costumes, seja quanto à doutrina. É esta uma matéria tão importante que, por grande delicadeza de consciência que se observe nela, nunca será excessiva. O veneno mais sutil não é o menos temível; à menor suspeita de contágio todos se previnem com preservativos.

[^1]: O OCR traz «Sixto II»; trata-se de Sisto III, eleito em 432. [^2]: O OCR traz aqui «Luc. 7» e «Reg. 3». A primeira é, na verdade, Lucas 17,5; a segunda (3 Reis na Vulgata, 1 Reis nas edições modernas) é 1 Reis 3,9. Corrigido pelo contexto.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:59 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:00 by Admin